

A REDEMPÇÃO

FOLHA ABOLICIONISTA, COMMERCIAL E NOTICIOSA

Redactor-chefe Dr. Antonio Bento

SAE DOMINGOS E QUINTAS

NUMERO AVULSO 60 REIS

ANNO I

REDACÇÃO
LARGO 7 DE SETEMBRO
Propriedade de uma Associação

S. Paulo, 24 de Novembro de 1887

ASSIGNATURAS
CAPITAL E PROV. POR MEZ 500 rs.
Pagamento adiantado

N. 90

EXPEDIENTE

É nosso agente em Itatiba o sr. Amelio Braga.

Aos srs. assignantes

Mais uma vez pedimos aos nossos estimaveis assignantes que se acham em divida para com esta administração, a fineza de mandarem satisfazer a importancia dos seus debitos.

Os srs. assignantes que nos enviarem a importancia de suas assignaturas poderão deduzir o importe do correio.

Toda a correspondencia relativa á parte economica desta folha deve ser dirigida a DINIZ & SOL, typographia UNIÃO.

A REDEMPÇÃO

S. PAULO, 24 DE NOVEMBRO DE 1887.

O partido liberal

O *Liberal Paulista*, organ do directorio, escreveu a 22 do corrente um editorial que se presta a servir de ponto de partida, para estudo dos que ainda se não convenceram de que enquanto houver escravidão predominará uma duplicidade fatal á harmonia e concordia social, prevalecendo a tendencia do mais forte quer pelo arbitrio impor sempre suas opiniões aos que julga mais fracas.

Hiremos analysando, os importantes periodos que nelle se encerram, registrando a confissão indirecta dos proprios erros do directorio, no pasmo de que se mostra possuido, querendo levar á conta dos abolicionistas, o facto, de delles se ter aproximado o senador Antonio Prado, mostrando-se mais habil e sagaz do que os antigos alliados da camara municipal,

pal, da camara temporaria e até da opposição analysada por José Bonifacio, na notabilissima serie de artigos exarados no *Partido Liberal* em Fevereiro do anno passado.

Comencaremos por este:
«Mais de uma vez temos dito que não somos infensos á emancipação dos escravos; que estimaremos ver solvido pacificamente esse temeroso problema; que o partido, quando subir, deve fazer essa reforma; que o primeiro gabinete liberal, organizado no intuito de promulgar a ultima lei, sobre esta questão, terá o nosso apoio. Isto pelo lado de uma medida legislativa, de um ponto de programma politico e governamental.

Quanto á iniciativa particular, nunca lhe impugnamos a conveniencia; nunca pouparamos applausos aos que, com sacrificio promovem liberdades.

Se esta tem sido invariavelmente a nossa linguagem, evidente é que os que nos imputam intenções, que as nossas palavras repellem, faltam á verdade e caluniam-nos, para os interesses particulares do chefe da *União Conservadora*.

Se não tivesse havido a discordancia que forçou o conselheiro Leoncio de Carvalho tarde já, mas ainda a tempo de prestar alguma utilidade, a abandonar a direcção do *Liberal Paulista*, de mostrando que durante o periodo da esteril união sem confusão entre a resistencia liberal e o directorio, s. exc., sustentou uma luta a que succumbiu vencido, para chamal-o ao terreno partidariamente liberal, um retrospecto de todo o seu trabalho opposicionista é bastante para tornal-o certo.

Se fosse inexacta a resistencia do directorio ao programma parlamentar da opposição liberal, que tem applaudido e secundado os esforços da propaganda abolicionista, não só o *Liberal Paulista* teria estado ao lado do povo defendendo os seus direitos conculcados, mas seria o mais interessado em exprobrar os excessos e arbitrios das autoridades, tendentes a entorpecer a marcha ascendente da causa da redempção dos captivos, pronunciando-se solidariamente, sobre as questões agitadas pela opposição parlamentar das duas casas do corpo legislativo.

Em todas a opposição liberal envidou esforços, para demonstrar que a politica de arrocho e compressão das liberdades publicas já perdeu a sua epocha, restando alargar os seus horizontes, em busca de um futuro de prosperidades e engrandecimento para a nação.

E cooperou o *Liberal Paulista* para formar esta opinião na provincia?

Ao contrario, as suas censuras ás autoridades tem consistido em culpabilizar por enfraquecerem a acção tyrannica da

violencia e a perseguição tendentes a manter a antithese da politica apregoadá pela opposição liberal, como a compativel com o progresso a que já chegou o paiz.

O directorio minist. que ao partido liberal cabe fazer a reforma do elemento servi, prometendo dar o seu apoio ao governo que a realisar.

Mas quando entende o *Liberal Paulista*, dever o seu partido subir ao poder?

Se os conservadores são incompetentes para solver a questão, se a ideia é essencialmente liberal, se o senador Antonio Prado arriscando o seu prestigio politico, expoz se a ser abandonado pelo seu partido e em Maio proximo está forçado a abrir a seião se o ministerio continuar a resistir, em que sentido pretende o directorio encaminhar o partido liberal, preparando o para os acontecimentos que são aguardados para essa epocha?

On a reforma deve ser feita em Maio ou não deve.

Na affirmativa, a lealdade do directorio á fé liberal abolicionista, exige que inaugure já uma propaganda contraria não só á politica, como ás praticas administrativas do gabinete Cotegipe.

Não se comprehende que o directorio queira a realisação da abolição effectuada pelo seu partido, em declarações de seus editoriaes e entretanto apoie uma direcção administrativa tendente a fortificar a politica do ministerio, insistindo pela estabilidade da instituição.

Se o *Liberal Paulista* entende que o senador Anton. Prado não deve ser o presidente do conselho de ministros, se em Maio, a causa abolicionista derrotar o gabinete, compre-he encetar já a argumentação que lhe negue esse direito em nome da ordem constitucional.

Mas, votar contra o partido liberal quando este proclama a necessidade da abolição e pedir depois votos ao corpo eleitoral, quando se trata de preencher posições politicas, em nome do partido, cujas ideias repellem e sacrificam aos interesses dos proprietarios de escravos, exercendo o mandato de chefes, é propaganda que já não cala na intelligencia e coração do corpo eleitoral, exigindo unidade politica e doutrinaria contra a duplicidade de conveniencias arteiras e arguciosas.

A subida dos liberais ao governo póde ter uma causa inteiramente extranha á abolição.

Supponhamos que Deus não permitta, que tivessimos de entrar constitucionalmente no terceiro reinado da dynastia imperante, sagrando-se a primeira Imperatriz.

E' provavel, senão certo, que a Imperatriz encetasse a sua carreira magestatica exigindo a referenda de ministros,

seu compromettimentos pelo programma de uma situação que já tem até derramado sangue.

A solução da questão abolicionista não é portanto, condição sine qua non, da accução dos liberais ao poder.

A não haver um egoismo politico ou razões de ordem constitucional, a phrase do *Liberal Paulista* asseverando que o partido liberal quando subir ao poder deve realisar a reforma é meramente dogmatica, e José Bonifacio, apesar do seu raro e colossal talento, declaron não se julgar infalivel na resposta que deu ao directorio liberal de Campinas, embora vejamos realizadas as suas prophcias.

Julgando um dever do partido liberal realisar a reforma logo que sobe ao poder, o directorio liberal reconhece que o abolicionismo está triumphante, tendo passado o periodo da resistencia.

Se assim é não lhe assiste mais o direito de applaudir perseguições como as de Jacarhy e Cacapava, nem o cerro do Tribunal da Relação e o espancamento do povo inerte, stando a honrabilidade judicial da Magistratura.

Promettendo apoiar o primeiro ministerio, que effectuar a reforma, escreveu ainda o *Liberal Paulista*:

«isto, pelo lado de uma medida legislativa, de um ponto de programma politico governamental.»

Ora até que afinal, a opinião de José Bonifacio, vae entrando no espirito do directorio: todas as medidas que sobem ao estudo, meditação e acção governamental, são politicas!

Ficamos hoje sob esta triste mas gloriosa impressão.

FERNANDES CORREIA.

O jantar do Parnahyba

O *Correio Paulistano*, de terça-feira, occupa quatro longas columnas com a descripção do jantar que foi oferecido ao sr. visconde de Parnahyba.

O que admiramos é que tão poucas pessoas estivessem presentes a essa festa politica.

Parece que a *União Conservadora* está perdendo em seu pessoal ou que escolhe muito as summidades de seu partido para essas festas.

Na occasião da votação andam os convites da direita para á esquerda e o povo miudo, a canalha do partido é convidada para conduzir uma cedula até á urna; mas quando se trata de um jantar politico, quando se trata de um baile, a *União* se esquece completa-

mente daquelles que mais trabalham para... a propria *União*!

O que tem feito para o engrandecimento da *União Conservadora* os reverendos conegos Manoel Vicente e drs. Valois e Antonio Celestino dos Santos, para serem arrancados do sua *santa mansão* e ir a um jantar fazer saúdes politicas?!

Pois não seria justo que em vez desses padres fosse convidado o *Diario Mercantil*, que tem sido um thuribulo constante a desprender de si fumaças odoríferas que vão elevando até as nuvens os actos mais insignificantes desses presidentes que para aqui tem mandado o sr. de Cotegipe?!

O que tem feito pela *União Conservadora* o sr. Cardoso de Mello Junior para ser preferido a tantos conservadores importantes e que dispõem de votos?!

O que tem feito o sr. Paulo Egydio para ser preferido a tantos outros que também dispõem, e nesta cidade, de votação importante?!

Nunca nos constou que o dr. Pinto Gonçalves andasse a pedir a uns e outros que votasse na *União*.

Porque razão não havia de tomar parte nesse jantar politico o major Lima Vieira, commandante de urbanos, homem que na vespera de todas as eleições abandona o seu serviço, com grande detrimento de sua saúde e sae com um samburá de chapas que vae distribuido pelos eleitores seus conhecidos.

Tambem não vimos entre os convidados figurarem os dous delegados da capital, os dous auxiliares da administração do sr. Parnahyba.

Porventura um Justo Nogueira de Azambuja terá menos importancia que um dr. Eulalio de Carvalho, para ser este convidado e aquelle excluido?!

Estes jantares politicos devem se estender a todo o partido ou então não devem ser dados.

Entre os convidados do jantar Parnahyba bem poucos dispõem de votos nesta capital.

Não houve ahi quem se lembrasse de fazer uma saúle aos pobres eleitores que tanto têm trabalhado para erguer o sr. Prado e outros aos pincairos do poder.

Quando chegarem as vespersas da proxima eleição provincial esses caiveiras de burro hão estar de chapa na

FOLHETIM

(85)

STOWE

A CABANA DO PAE THOMAZ

CAPITULO XIX

Topsy

— As disciplinas de Miss Ophélia, dizia ella, não são capazes de afugentar um mosquito! Se ella visse o meu antigo velho senhor como elle me fazia saltar o sangue com as suas vergalhadas! Esse sim, esse é que sabia castigar!

Topsy sentia uma grande satisfação em exagerar os seus peccados e as enormidades da sua má conducta, considerando-as evidentemente como uma distincção honrosa para ella.

— Todos vocês, dizia ella algumas vezes a seus auditores, são peccadores, porque toda a gente ou é branca ou preta, como diz Miss Ophélia, posto que eu julgo que os pretos ainda o são mais que os brancos; mas não ha nenhum que pé que tanto como eu, nem que seja tão terrivelmente mau! Ninguém póde fazer nada de mim; faço impacientar a minha senhora desde pela manhã até á noite, e estou certa que não ha no mundo outra creatura peor que eu!

E dizendo isto, Topsy fazia uma cabriola, ria, parecendo evidentemente vaidosa da malicia de que ella mesma se occupava. Todos os domingos Miss Ophé-

lia ensinava a Topsy o catechismo, e ella, dotada d'uma memoria extraordinaria, decorava immediatamente tudo o que ouvia, com grande satisfação da sua mestra.

— E qual é o bem que julga lhe provirá d'ahi? lhe perguntou Saint-Clair.

— Como? que bem tirará uma criação de aprender o catechismo?

— Não é essa a base de toda a educação? responde Miss Ophélia.

— Que ella o comprehendia, ou não?

— Por certo que não podem comprehendel-o em quanto são crianças; mas recordam-se d'elle quando são grandes, e é então que experimentam a sua utilidade.

— Ainda não chegou esse momento para mim, posto que esteja prompto a certificar que m'o metten na cabeça de um modo assás completo, quando eu era pequeno!

— Ah! Agostinho! não era a memoria por certo que lhe faltava! e que lições esperanças eu concebia a seu respeito!

— E já se lá foram essas esperanças? diz Saint-Clair.

— O que eu desejava era que fosseis tão bom agora como eris então...

— Tambem eu desejava, minha prima! Mas continue a catechisar Topsy, que talvez ainda possa fazer alguma coisa d'ella.

Durante esta conversa, Topsy tinha-se conservado direita e immobol como uma estatua preta, com as mãos decentemente cruzadas sobre o peito. A um signal de Miss Ophélia, continuou a repetir a sua lição:

«Os nossos primeiros paes, abandonados á sua livre vontade, decahiram, peccando contra Deus, do estado em que foram creados.»

Depois de pronunciar estas palavras, Topsy piscou os olhos com ar de curiosidade.

— O que é que te admira, Topsy? lhe perguntou Miss Ophélia.

— Desejava saber se esse estado era o Estado do Kentucky, Miss?

— Qual estado, Topsy?

— O estado de que eiles decahiram. O meu antigo senhor dizia sempre que todos nós descendiamos do Kentucky.

Saint-Clair pôz-se a rir.

— E' necessario, prima, dar uma significação ás palavras que lhe ensinar, alás dar-l'ha-ella mesma.

— Deixe-me socegada, Agostinho! Como quer que eu faça alguma coisa? estando ahi a rir e a escarnecer de tudo.

— Prometteo-lhe que não torno a perturbar os seus exercicios!

E pegando n'um jornal, Saint-Clair foi assentar-se n'um canto, sem dizer palavra, até que Miss Ophélia acabou a sua lição. Topsy repetia as palavras como um papagaio, transportando algumas das mais importantes, e obstinado-se no seu erro. Saint-Clair, apesar das suas protestações, ria ás gargalhadas quando ouvia isso, chamando por Topsy para lhe repetir es-as passagens truncadas, o que impacientava Miss Ophélia, que lhe dizia:

— Como quer que eu faça alguma coisa d'esta rapariga, continuando a perturbar nos assim?

— E' verdade, minha prima, tem razão; mas como posso eu deixar de rir,

venho de que modo essa gaiata pronunciava as suas sentenciosas phrases?

— Mas encoraja-a nos seus erros!

— Que importa? tanto faz dizer d'um modo, como d'outro!

— Pois que quer eu me encarregue da sua educação, não devia vir fazer diante d'ella pouco caso das minhas lições!

— Tem razão, mil vezes razão; mas que quer, se eu sou tão máo como diz Topsy.

Assim continuou, durante um anno ou dous, a educação de Topsy. Todos os dias invariavelmente Miss Ophélia se submettia á custosa tarefa das suas lições, como a uma especie de tormento chronico, acostumando-se por fim a isso, como algumas pessoas acabam por se acostumar á nevralgia, ou á enxaqueça.

Quando a Saint-Clair, as diabruras e as exquisitices de Topsy divertiam-no tanto, como se fossem as d'um papagaio, ou d'um macaco; e ella sabia-o tão bem, que vinha logo refugiar-se a traz da sua cadeira, quando algum a perseguia para se vingar d'alguma maldade que ella lhe havia feito. Era d'elle que recebia de vez em quando esses vintens com que comprava as gulodices que repartia com as outras crianças da casa; porque Topsy, é necessario fazer-lhe essa justiça, posto que vingativa contra os que a atacavam, era boa e generosa em geral.

Agora que ella já tomou o seu lugar entre os actores do nos-o drama, vamos deixal-a, posto que tenhamos ainda a esperanza de a ver, de tempos a tempos, figurar na scena.

CAPITULO XX

Kentucky

Os nossos leitores não ficarão talvez contrariados de tornar como-co á cabana do pae Thomaz; bem como á casa de seus antigos senhores, para conhecer o que ahi se tem passado depois da sua ausencia.

Era n'uma tarde de verão; as portas e as janelas da vasta sala de Mr. Shelby estavam abertas, ps a deixar entrar livremente as errantes brisas que para ahi se dirigissem. Mr. Shelby estava assentado n'um grande corredor, que circulava toda a casa, indo terminar a um balcão nas duas extremidades; reglignamente recostado sobre a sua cadeira, descançando os pés sobre outra, saboreava com delicias o seu charuto depois do jantar. Mr. Shelby, assentado ao pé da porta, occupava-se de costura, com o ar preocupado d'uma pessoa que procura a occasião favoravel de tratar d'um objecto em que se interessa.

— Sabes, diz ella a seu marido, que Chloé recebeu uma carta de Thomaz?

— Ah! deveras? Thomaz encontrou talvez algum bom senhor, estimo bastante!

— E como vae elle, pobre homem?

— Pensei que foi comprado por uma excellente familia, diz Mr. Shelby.

— E' bem tratado e não tem muito trabalho.

— Estimo, na verdade! diz cordialmente Mr. Shelby. Thomaz se resignará provavelmente a ficar no Sul, e não tem grande desejo de tornar!

(Continúa.)

algebra votando em quem os senhores da terra tiverem mandado.

Temos dito mais de uma vez que este povo está perdendo a vergonha!

Em vez de conhecer que é elle quem faz taes summidades, humilha-se e fica satisfeito só porque um desses individuos, que não se lembra delle em occasiões de suas festas, lhe tira o chapéu ou lhe favorece com uma risadinha de mau gosto!!

Agora perguntamos nós com que cara ficam esses typos que leram a noticia do jantar politico offerecido ao sr. Parnahyba e não viram os seus nomes collocados entre os convivas do festim, ao passo que muitas mediocridades politicas lá estavam figurando como chefes do partido.

Pobres diarios Mercantil e de Noticias! Tomaram uma lição de mestrel!

A União mostrou que não vive de elogios e que até nem conta com os eleitores sabugos!

O exm. sr. d. Lino e a emancipação dos escravos e o clero da diocese

O Exm. Sr. D. Lino fez um appello ao seu clero fazendo-lhe dous pedidos: que libertasse os seus escravos até o fim deste anno, e concorresse com o seu obolo para a caixa emancipadora que elle fundaria na secretaria ecclesiastica; e para maior estimulo deste grande acto que o bondoso Prelado provocava de seus amados sacerdotes, lhes annunciava que tinha em mãos uma mensagem de felicitação ao Santo Papa Leão XIII para ser assignada por todos os sacerdotes da diocese com a declaração de que não possuíam escravos.

Não lemos o Thabor, mas tendo conhecimento do quanto o Sr. D. Lino é amado e respeitado pelos padres, tivemos grande curiosidade de acompanhar o movimento emancipador iniciado pelo digno Bispo, e ao mesmo tempo aquilatar do acolhimento que ia ter o seu pedido e appello.

Agora a mensagem está encerrada, podemos dar o nosso parecer.

O Exm. Prelado convidando os seus padres para libertarem os seus escravos e concorrerem para a Caixa Emancipadora, da capital, deu-lhes o exemplo nobre e desinteressado, cedendo a terça parte de sua congrua de Bispo para a redempção dos captivos, e mais uma avultada quantia á parte.

Quem deveria acompanhar immediatamente o sr Bispo?

O cabido da Cathedral e o corpo docente do Seminario Episcopal deviam figurar immediatamente depois do sr. Bispo, dando-lhe uma prova de amor, respeito e desinteresse, e ao mesmo tempo um grande exemplo para o clero da diocese. Tanto mais que os conegos são quasi todos riquissimos.

Só o Exm. conego vigario geral e o sr. conego Ezechias acompanharam o exemplo do digno Prelado!

De que modo acudiu á voz de seu querido Prelado, o rico, doce, melifluido e cheio de cousas santas conego Pereira Jorge? O delicado, risonho e rico conego Augusto? E os mais? E o Seminario Episcopal de que modo respondeu ao convite do sr. Bispo? D'ahi não sahii até agora por pedido do sr. Bispo nem um dez reis.

E o sr. Bispo não repara nestas cousas?

De que modo correspondeu ao sr. Bispo, o santo e milagroso padre Passalacqua? O bonito sr. padre Valois? O pandego padre Alberto Gonçalves? E os outros cujos nomes não declinamos por não os conhecermos?

Entretanto é sabido que os padres professores do Seminario ganham ordenados fabulosos, fazem monopólio de todos os rendimentos que poderiam caber aos outros padres da diocese.

Nenhum delles imitou o exemplo do Exm. D. Lino, offerecendo a terça parte de sua congrua ou concorrendo com qualquer quantia para a Caixa Emancipadora.

Do rev. reitor, monsenhor, conego, protonotario, missionario, apostolico et quedam alia, deste nem fallemos; porque elle coitado, se viu entre a cruz e a caldeirinha; o fino D. Lino o metheu em calças pardas; elle tinha de conciliar e amor, respeito, veneração e desinteresse á pessoa do Bispo, com a ambição e o goso dos serviços dos negrinhos de sua fazenda: como fazer? ora o mono velho não mette mão na combuca; deu liberdade condicional aos seus escravos por tres annos, passou esse melzinho nos labios do sr. D. Lino, e lá foi assignar a mensagem ao Santo Padre Papa Leão XIII, declarando adiante: não possuo escravos!

ora bolas! Este tambem não cedeu nada para a Caixa Emancipadora.

Um constraste brilhante e honroso ao contrario, contemplamos no nobre corpo parochial da diocese!

Oh este sim. Este deu uma prova sol mne do amor e respeito que consagra ás palavras do sr. D. Lino! Agora D. Lino ficou sabendo que os parochos a quem os padres do Seminario tanto despresam, são os que o attendem, amam e respeitam.

Quasi todos os vigarios do bispado immediatamente depuzeram nas mãos de D. Lino a terça parte de suas congruas, e outras quantias avultadas.

Os vigarios da diocese são os que ouviram a voz de D. Lino.

Destas observações concluimos que tanto o cabido da Cathedral como o Seminario Episcopal não fizeram caso do pedido do sr. Bispo, porque para isso seria mister abrir a bolsa, e o apego e o amor delles ao sr. Bispo, é só enquanto se não lhes toca na bolsa; que o corpo parochial da diocese é desinteressado, ama e respeita ao sr. Bispo, e não é escravocata.

O «Correio Paulistano»

O auctor da Analyse dos jornaes do Correio Paulistano, querendo dar força ao Maneco major, de urbanos commandante, include na Analyse que faz das folhas diarias o Thabor, folha que se publica de tres em tres mezes nesta capital.

Não ficamos por isso massados, porque não tem importancia alguma para nós a analyse que um jornal faz dos outros.

Não gastamos a nossa vista já tão curta em ler jornaes de pouca importancia... e si o Correio seguisse o nosso exemplo, economisando a vista, não havia de se ver forçado em fazer enormes despezas em pinca-pez.

Quem lê o Thabor, folha provocadora, que em vez de animar á fé, mata-a, provocando sempre áquelles que mais trabalham para limpar o pó que cobre todos os templos desta capital, gasta inutilmente a sua vista.

A prova do que é o Thabor está justamente no ter censurado os Terceiros de S. Francisco, porque davam signaes em seus sinos, convidando os fieis a virem rezar pelos irmãos falecidos.

Este padre Almeida fez de um jornal religioso, creado, segundo elle mesmo disse, para edificar os fieis — uma matraca provocadora.

Ainda nos lembramos de uma questão de lustre que esse individuo moveu contra o redactor desta folha, obrigando não sabemos a qual dos nossos parentes a fazer-lhe presente de um lustre para a igreja do Collegio, o qual acha se atirado a um canto da sacristia como objecto, imprestavel.

Lembramo-nos ainda da immensa questão que elle fez de uns commodos que tinha a sacristia do Collegio, e que eram occupados por uma escola publica, e que... apossando-se delles, fez daquillo sua residencia armando um fogão na propria sacristia do Collegio.

Os exemplos de virtude e as predicas santas que fazia tal padre á noite dentro da referida sacristia, onde se reuniam beatas de todos os generos, sa bem os urbanos... e podemos fazer uma justificação no momento em que o quizermos.

Deixe o Correio Paulistano, de gastar tempo com tal jornal.

Ha poucos dias, pregando o padre Passalacqua no Convento de Santa Theresza, entre outros discursos com que massava os fieis, talvez lembrando-se do Thabor, gritou:

— Mães de familia, não admittaes jornaes em vossas casas!

A' Redempção

E' na realidade tristissima a situação, no seio da humanidade, d'aquelles individuos, cujos espiritos se debatem nas profundidades da ignorancia, oppondo-se sempre de modo invensivel ao desenvolvimento das grandes e humanitarias ideias, temendo abraçar o sophisma, o erro e o absurdo.

Quando, porém, um raio de luz, que por acaso se lhes depara em algum livro, á cuja leitura são arrastados como que pelas mãos da Providencia, vem rarear as trevas de seus espiritos, podendo então ver e apreciar as torpezas que hão commetido, o seu passado cheio de acções ignominiosas, mais negras ainda, que a propria ignorancia,

sentem-se horrorizados e ao mesmo tempo felizes, porque desperta se-lhes o desejo de, rehabilitando-se, entrar para as fileiras dos martyres do progresso e da sagrada causa de redempção dos captivos.

Eis, sr redactor, p rque nós, fazendeiros em Serra Negra, após a leitura d'um livro, que, por graça de Deus, appareceu nestas plagas, cujo nome, se não nos falha a memoria, é philosophia de E. Barbe, obra que é um verdadeiro monumento, cá na nossa obscura opinião, vimos á columna do seu organ; a «Redempção», noticiar uma reunião que delibéramos, e lavar um protesto contra o nosso passado e contra o procedimento barbaro, inerguimento, d'aquelles que, como nós, querem viver a custa dos homens escravizados, exaurindo-lhes as forças nos eitos, cobrindo-lhes a pelle com a do vacca, dando-lhes por alimento fubá de milho podre, e por cama a escada e por ventarol a perna do bacalhau.

Cumpre notar, sr. redactor, que tambem fomos inspirados pela reunião dos fazendeiros, que realiso-se nesta capital, cuja noticia toccou á estas zonas.

A nossa se effectuou em um dia d'este mez não vae data porque ainda não temos folhinha d'este anno.

Presidiu a sessão o nosso oraculo, João Papudo, que chamou para secretario, Joaquim Ramalho, já seu conhecido, e Severino Rodrigues Vigissimo.

A comissão nomeada para promover aos meios tendentes á libertação dos escravos, ficou composta dos seguintes membros:

José Mariano, José Fagundes, Custodio d'Avila e Vicente Tavares.

Durante a reunião houve violentas discussões em virtude da formal opposição que, ás ideias da maioria, fizeram José Mandioca, Bazilio Baralho, José Goembé, José Vaz, Pinto Souto e Pedro Ferreira Mascas-fumo, que promettem crear todos os obstaculos possiveis á consecussão do louvavel fim que temos em vista.

Foram impotentes os meios da nossa logica para levarem á estes espiritos rebeldes a convicção de que é extremamente justa a questão do abolicionismo, pelo que não podemos ainda garantir o exito de nossa empreza.

Todavia, como é possivel que as suas ideias retrogradas se modifiquem, depois da leitura d'algum livro mais conveniente, que a philosophia de Barbe, que as suas intelligencias petrificadas não puderam digirir, temos esperanças, ainda que com sacrificios, de levavante o nosso intento.

Julgamos que, com tal modo de pensar seremos mais d'ora em diante olhados com desprezo pelos defensores da liberdade e principalmente pela nossa «amiguinha», a Redempção, de cujas doutrinas mostrar-nos-hemos os mais denodados prégadores, já enviando missionarios para o interior, já estabelecendo associações, já fazendo conferencias n'esta localidade, unico meio de persuadir e convencer os espiritos carranças dos nossos fazendeiros.

Não se esqueça sr. redactor de nos enviar alguns numeros do nosso organ, pois os que por aqui apparecem, nem são lidos, são devorados.

Aguardamos outra oportunidade para narrar-lhe tudo quanto fôr se dando, no correr da lucta que encetamos.

Por graça de Deus e pelos padres que nos foram delegados pelos membros da associação abolicionista de Serra Negra, cujo espirito, presidiu á elaboração d'este artigo, assignamol-o.

Os Secretarios:

JOAQUIM RAMALHO e SEVERINO RODRIGUES, o VIGISSIMO

Facto gravissimo

Consta-nos que actualmente não exerce mais o cargo de chefe de policia desta provincia um tal Ferreira Lima, cuja chronica em parte escremos.

Esse homem retirou-se repentinamente desta capital, levando só meação chronica, com detrimento do zé povinho, que desejava conhecer a sua chronica inteira.

Partiu... O diabo que o carregue! Não costumamos escrever contra defuntos, porque para organ dessa gente que vive noutro mundo, temos o Diario de Noticias.

Actualmente dizem que temos um novo chefe e que este já tomou conta da repartição a seu cargo.

Pois bem; d'S. Exc o sr. chefe de policia novo, ou novo chefe de policia, vamos revelar um facto gravissimo, que ultimamente perturba a nossa po-

pulação e que precisa da mais enérgica providencia.

Se bem que nós, tachados de anarchistas e agitadores, não tenhamos direito de pedir justiça, porque é pessoa para nós desconhecida;

Se bem que expellidos das reuniões de todas os partidos a que cada um pertence; desprezados pelos potentados da terra—nem por isso deixamos de ter direito de pedir e chorar, porque quem não chora não mama.

Não vamos encommodar o novo chefe de policia para acabar com a matilha de gatunos que infesta a nossa capital, porque esses infelizes empalham cousas insignificantes, ao passo que grandes ladrões que roubam a independencia e liberdade de tantos homens—passeiam impunes pela cidade em carros puchados por parelhas riquissimas.

Estamos em um paiz governado por saltadores, onde o mais ladrão tem a melhor posição.

Não pedimos que se acabe com as casas de jogo, porque vivemos em uma nação onde o governo é o principal jogador.

Além disso o casamento santificado por Christo nas bodas de Chanaan, tornou-se hoje uma especulação e... não é raro vêr-se um barão insolavel casar-se com uma viuva rica, dando por este modo uma cartada de mestre, que o colloca da noite para o dia, em posição de ser qualificado pelos jornaes que se vendem de benemerito da patria e com o dinheiro da viuva comprar os mais altos titulos que neste paiz se adquirem a dinheiro.

Não pedimos que se acabem com essas giriantas medonhas onde infelizes mulheres fazem de seu corpo objecto de commercio; nem tão pouco queremos a punição desses que negociam com a infelicidade dessas mulheres.

O que pedimos ao novo chefe de policia é providencia mais alta: — o caso é gravissimo.

Se S. Exc. não attender a nossos rogos e pedidos, então levaremos esta questão á altura de uma revolução... E nem todas as forças do imperio poderão impedir que o povo faça justiça por suas proprias mãos.

O que pedimos a S. Exc é o seguinte:

Que S. Exc. mande tirar dos hombros das tuas ordens, as ordens committinhas e das pernas dos ditos dous canudos com que o bandalho do Ferreira Lima mandou enfeitar esses pobres homens sem que houvesse lei que auctorisasse tal desacato!

O «Diario Popular»

Este jornal no dia 22, vem dando noticia que uma força partira para o interior e pergunta para que seria?

O Diario publicou uma noticia que lhe deu um escravo crata do Pantejo, inventando umas historias de assassinos de creanças, praticados por pretos fugidos.

O chefe leu a noticia sem fundamento dada pelo Diario e mandou forças para prender os criminozinhos.

O movimento de força, por tanto, foi motivado pela noticia dada pelo Diario.

Este costume dos jornaes se torna rem espíões de capitão do matto, noticiando fugas de escravos e outros factos encobertos com a capa de caridade e com forma de desacreditar a instituição escrava, mas que só serve para produzir effeito contrario, é máu.

A instituição escrava já está bem desacreditada, mas nem por isso deixam certas auctoridades de pôr-se ao serviço dos senhores, por mais malvados que sejam.

O Diario Popular, noticiou assassinos de creanças e o preidente que não veio para proteger escravos, mas sim os senhores destes, mandou cavallaria para prender os heróes que cauzaram tanta compaixão ao compassivo Diario Popular.

Cyrineus d'esta ordem póde o diabo carregar para o inferno, que nós só sustentamos com o pezo da cruz.

Antes só do que mal acompanhado. Quem não ajuda, não estorve.

BEXIGAS—VACCINA

A vaccinação é o unico preservativo da variola; vaccina-se, de graça, em todos os dias uteis, das 10 a uma hora da tarde, na Inspectoria de Hygiene, em uma das salas do pavimento terreo do palacio presidencial; convida-se, pois, o publico para comparecer á vaccinação.—O Inspector de Hygiene, Dr. Marcos Arruda.

O norte da provincia

Ao passo que o sul e oeste da provincia se preparam para o grande dia da redempção dos captivos, o norte da provincia dormo um sonne de porco fiado na importancia de seus mandachuvas.

Fazendo excepção aos nossos com panheiros de Jacarehy, Caçapava, Santa Izabel e Pindamonhangaba, onde a questão do elemento servil tem-se agitado de uma forma animadora, os outros logares se formam quietos, principalmente Taubaté—a terra das beatas e terceiros de S. Francisco.

Parece que o povo daquellas paragens, é mais escravo que os proprios escravos.

Não podemos decifrar de outra forma o silencio que guardam alguns abolicionistas medrosos de Guaratinguetá, Silveiras, Lorena, Bocaina e outros logares, porque não recebemos amostras de seus trabalhos.

Estamos vendo que o norte vae-nos custar muitos sacrificios.

Estamos vendo a hora em que precisaremos de enviar os nossos missionarios doutrinar áquelle povo surdo á voz da razão e da justiça!

Parece que a aproximação daquellas paragens á provincia do Rio, onde reina a junta do couce tem entorpecido o espirito daquella gente.

O oeste e o sul da provincia, apesar dos pesares, embora tenha em seu seio Antonios Americanos, Atalibas, Batatas, e outros typos de equal jaez,—dão todos os dias exemplos de abnegação libertando escravos em massa.

O norte, porém, se occupa de intrigas politicas dando uma triste copia do seu atrazo.

Pois bem, intimamos desde já a seus potentados — que se não resolverem desde já a questão do elemento servil nós nos incumbiremos de resolver a embora seja necessario passarem sobre nossos cadáveres.

Está escripto e está resolvido que esta provincia ha de libertar-se, nem que seja necessario para isso, correr mais sangue que as aguas do Amazonas.

Abolicionismo

Ha dezeseis annos, mais ou menos, que surgiu na patria paulista a humanitaria e generosa ideia de abolir de seu territorio a escravidão.

Essa ideia, apesar da cruel guerra sustentada pelos latifundios, vingou, cresceu e desenvolveu-se de um modo assombroso para seus terribes inimigos e glorioso para seus denodados conceptores.

O abolicionismo, como um insignificante lacrimal brotado da terra dos Andradas, tornou-se um fertilissimo manancial d'onde partiu a invencivel corrente que circundou todo o territorio da provincia. De todos os pontos, desde as mais remotas paragens aos centros mais civilizados, da patria paulista, só se ouve um grito, o grito da liberdade.

A ideia de tão sympathica causa, apesar das terribes barreiras que tentavam obstar a sua passagem, proseguiu gloriosamente assignalando na imprensa os seus beneficos effeitos. E raro é o dia em que essa soberba valvula do progresso — a imprensa — não registra em suas columnas um dos mais humanitarios feitos: — a restituição da liberdade aos infelizes escravizados.

Restituir a liberdade a um infeliz escravizado, é um acto digno dos maiores louvores: assim como a promessa de restituir a liberdade, é uma ignominia que merece a mais severa censura.

A excepção de Campinas, cidade onde ainda a escravidão existe cercada de todos horrores, onde não se observa a lei e em que predomina o bacalhau, os ferros, o vira-mundo e o troneo, não só para escravizados como para homens livres, toda a provincia se manifesta gostosamente em favor da abolição.

Hoje não existe um só paulista brioso, proletario ou potentado, que não seja abolicionista de convicção, exceptuando-se esses que residem no celebre antro negroiro.

O ser abolicionista é um dever de todo o cidadão que trabalha denodadamente para elevar e engrandecer o nome de sua querida patria.

A abolição da escravatura da patria paulista, tornou-se uma onda que inunda toda a provincia e que já não existe paradeiro que a possa deter em sua vertiginosa carreira.

A gloria dessa ideia sublime cabe, não aos recentes libertadores, ao punhado de bravos athletas que não pgu-

HORRIVEL! HORRIVEL!
O VICIO DA EMBRIAGUEZ
 O remedio especifico do dr. Poekings
MEDICO DA RUSSIA

Cura radicalmente o terrivel vicio da embriaguez por mais antigo que seja, isto, porque depois do viciado ter tomado o ESPECIFICO, toma tal aborrecimento ás bebidas que é bastante o cheiro de quaesquer dellas para revoltar-lhe o estomago e causar-lhe nauzeas.

Envolve os frascos attestados dos mais notaveis medicos da Europa e America, como tambem o modo de uzar o ESPECIFICO vem explicado em as linguas: franceza, italiana, alleman e portugueza.

Cada frasco 4\$000

DEPOSITO NA PHARMACIA DA FÉ

RUA DA VICTORIA, N. 126

TELEPHONE, N. 284

S. PAULO

OS LATIFUNDIOS

POEMA ABOLICIONISTA

DE

Hippolyto da Silva

Vende-se na livraria Paulista de Teixeira & Irmão, rua de S. Bento, 26 A.

1 volume de mais de 100 paginas 1\$500

Em Campinas, na livraria de Alfredo Genoud.

Em Santos, na Casa Ypiranga.

E nas melhores livrarias da Córte.

Drogaria Central

É o primeiro estabelecimento de drogas da provincia.

Fornece aos srs. pharmaceuticos: drogas, utensilios, vasilhames e tudo quanto é preciso para uma boa pharmacia, em condições tão boas ou MELHORES que na Córte.

Tem sempre grande deposito de ioduro de potassio, bromureto de potassio, ouphato de quinina etc..

Rua de S. Bento, 44

Martins, Labre & Comp.

THEATRO DO POVO

A NOIVA DE SEXTENTA ANNOS

COM DIA EM 3 ACTOS

Vende-se á rua da Imperatriz, 31

CHALET, MASCOTTE

Grande

foi o sortimento de calçados que da Corte tronxe agora o proprietario do Guarany

De entre a enorme variedade especial lisaremos os seguintes e afamados autores: CLARK, para homem e senhoras BOSTOK, idem; POLLAK VENCEDOR; idem; e muitos outros, vende-se tudo com grande redução de preços, por ter annunciante feito grandes e vantajosas compras.

AO GUARANY

42—RUA DA IMPERATRIZ—42

AO ESPELHO DA VERDADE

52--Rua de S. Bento--52

S. PAULO

URIOSTE, PEREIRA & COMP.

Importação directa dos melhores fabricantes

Primeiro estabelecimento da provincia neste ramo de negocio

Grande deposito de papeis pintados nacionaes e estrangeiros, vidros de todas as qualidades, espelhos, gravuras, molduras, quadros, tapetes e oleados. A prompta-se qualquer encomenda com esmero e promptidão.

PREÇOS MODICOS

IMPERIAL LOJA DO ROCHA

20-Rua da Imperatriz-20

Este importante estabelecimento, recebeu um variadissimo sortimento de calçados finos para homens, senhoras e crianças. Continúa a ser o unico depositario dos calçados **Clark & Comp.**; tem a melhor fabrica de calçados desta capital.

Imperial Loja do Rocha

20-Rua da Imperatriz-20

A PRINCEZA DO NORTE

9--RUA DIREITA--9

ANTIGA MASCOTTE

DIAS LEAL & FILHOS

têm a subida honra de participar ao respeitavel e illustrado publico desta briosa capital, bem como ás exmas. familias do interior, que abriam um importante estabelecimento de fazendas de lei e de phantasia, armarinho, modas, etc., etc.

Tudo novo! Magnifico! Deslumbrante!

A concurrencia de preços, bem como a especialidade rara no nosso **Euorme sortimento**, habilita-nos a vender qualquer artigo concernente ao nosso vasto negocio por menos do que poderá ser vendido em outra qualquer parte.

A PRINCEZA DO NORTE

é sem a menor contestação o estabelecimento mais importante no seu genero, nesta cidade; e, sendo já assás conhecidos os seus proprietarios, esperam merecer o valioso concurso das respeitabilissimas familias em geral.

GRANDE VARIEDADE

do queha de melhor em cretones, chitas, morins, brins, flanelas, chales, fichús, rendas, lãs, popelines, nanzoucks, botões, galões de phantasia, algodões colchas e cobertores. Desde o seu começo esta casa vae encetar o seu systema de vender por preços incriveis e inimitaveis l...

A PRINCEZA DO NORTE

ANTIGA MASCOTTE

QUASI EMFRETE AO ZUAVO

9, RUA DIREITA

RUA DIREITA, 9